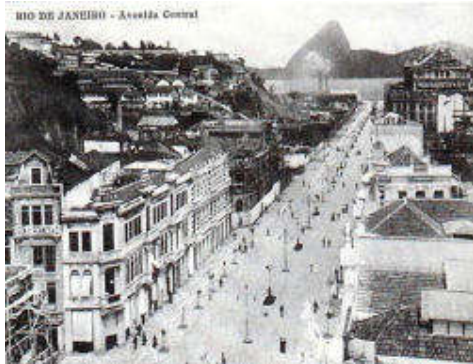


AS DEMOLIÇÕES NAS GRANDES OBRAS DO RIO

Cesar Drucker

Na China atual, sabe-se freqüentemente que é desocupada, de súbito, uma grande área, para a construção de uma obra de impacto, com a remoção rápida de milhares de moradores. Pois aqui no Rio, tivemos no século passado, quatro grandes obras publicas, nas quais foram demolidas, em cada uma, centenas de edificações, com o deslocamento total de alguns milhares de habitantes. Em uma das obras, foi até arrasado um morro histórico, com todas as suas habitações degradadas. E não estão incluídas nessa conta as remoções de favelas.



O precursor das demolições em massa foi o Prefeito Pereira Passos, ao rasgar a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, ligando o Cais do Porto à Avenida Beira Mar (1904 -1905). No traçado da Avenida, foram demolidos 590 prédios comerciais, mistos, e muitas habitações coletivas, de péssimas condições de moradia, os "cortiços". Segundo cronistas da época, boa parte dos desalojados foi aumentar a favela do Morro da Providência, atrás da Central do Brasil, iniciada pelos soldados que voltaram da Guerra dos Canudos.

A cidade ganhou uma valiosa via urbana, com o Centro saneado e iluminado. Sobretudo, esta obra foi a afirmação do propósito de modernização geral, na ocasião da passagem do Império para a República e no início do século XX, tomando como modelo a civilização européia.



Cerca de vinte anos depois, foi arrasado o Morro do Castelo, que se situava sobre onde é hoje a Esplanada do Castelo. O Morro tinha grande valor histórico, pois a cidade foi instalada ali desde 1567. Mas ao final, sua ocupação estava degradada, pelo que foi demolido juntamente com suas 360 construções.

A remoção do Morro liberou a área nova do centro da cidade, onde começaram a ser construídos importantes prédios administrativos e comerciais, como os Palácios da Fazenda, do Trabalho e o então futurista da Educação. O desmonte do Morro também contribuiu para o aterro de alargamento da Avenida Beira Mar.

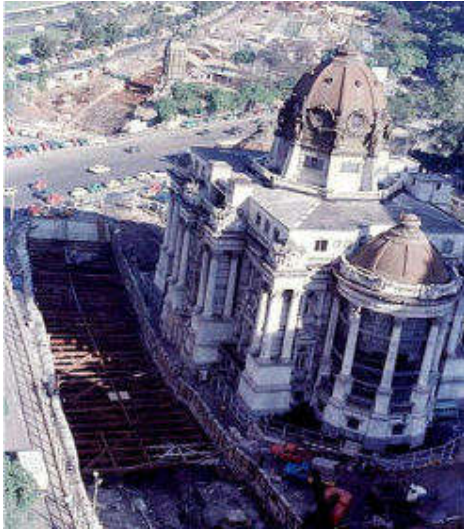
A Avenida Presidente Vargas, construída na década de 40, materializou o desejo, desde D.João VI, de se ter uma via ampla para comunicação do centro com a parte norte da cidade. Foram derrubados todos os quarteirões situados entre essa Avenida e a Praça da República, na largura então inédita de 80 metros, os quais compreendiam 525 prédios. Entre eles, três igrejas e a antiga sede da Prefeitura da Cidade. A Avenida é a via de tráfego mais intenso da cidade.



Para possibilitar a construção do Metrô, foram desapropriados cerca de 500 imóveis, ao longo das Linhas 1 e 2, a partir da constituição da Companhia em 1969. A área onde ocorreu concentradamente o maior número de desapropriações foi a Cidade Nova, onde estão o Pátio das Oficinas, a Estação Praça 11 e o Centro de Controle Operacional. Além do benefício da obra, para toda a cidade, nessa área ocorreu mudança radical do uso do solo.

Antes, ali se situava a Zona do Mangue, onde se exercia o baixo comércio da cidade, em centenas de pequenas casas degradadas.

Depois das demolições, essa atividade desapareceu, e a reurbanização da Cidade Nova trouxe a construção de destacados prédios administrativos, como a Prefeitura, Correios, e Teleporto.



Houve uma demolição que até hoje não está explicada. Foi a do Palácio Monroe, sede do Senado Federal, que se situava na esquina da Avenida Rio Branco com a Avenida Beira Mar. A construção do Metrô passou ao largo do Palácio e preservou-o, mas após o término da obra, ele foi demolido.

